

# Dois vasos gregos da necrópole do Cerro Furado (Baleizão, Beja – Portugal)

ANA MARGARIDA ARRUDA\*, MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES\*\*

## RESUMO

O Cerro Furado, sítio constituído por uma extensa área habitacional e por uma necrópole, foi, e continua a ser, alvo de intensas destruições, em grande parte provocadas por grupos de caçadores de tesouros, que o vandalizam intensa e profundamente. Na sequência das ações destes grupos, ficam à superfície muitos restos cerâmicos. Foi o caso dos fragmentos pertencentes a dois vasos gregos, que, ainda que fragmentados, puderam, depois do respetivo restauro, reconstituir-se quase integralmente. Trata-se de um *krater* de sino e de um *skyphos*, ambos de figuras vermelhas. A decoração do primeiro foi, em parte, passível de observar, ao contrário do que se passa no caso do segundo, onde a corrosão do verniz foi quase total, impedindo a leitura da cena representada. No que se refere ao *krater*, os dados indicam que se trata de uma obra do grupo do pintor de Telos, mais especificamente do pintor do *Tyrus Negro*. Não é improvável que o *Skyphos* tenha sido pintado pelo pintor do *Fat Boy*. As formas e certos detalhes decorativos indicam que estamos perante vasos fabricados em torno a 350 a.n.e.

Palavras-chave: vasos gregos – Cerro Furado – *Krater* – *Skyphos* – Grupo do Pintor de Telos – Pintor do *Fat Boy*.

\* Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). Faculdade de Letras, 1600-214 Lisboa. Portugal, e-mail: a.m.arruda@fl.ul.pt

\*\* Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. Palácio de Sub-Ripas, 3000-395, Coimbra, e-mail: conlopes@fl.uc.pt

**ABSTRACT**

Cerro Furado is an extensive site in Alentejo, with a large residential area and a necropolis. Intensive and large destructions are common, carried out by groups of «treasure hunters». Following the actions of these groups many remains stay in the surface. This was the case of fragments from two greek vases, which, although fragmented, could be restored: a *krater* Bell and a *skyphos*, both painted with red figures. In the first case, the decoration could be observed. The corrosion of the glaze in the *skyphos* surface doesn't allow the inspection of the painted scene. We are in the presence of a *krater* painted by the Telos Group Painter, more specifically the Black *Tyrsus* Painter. It is not unlikely that Fat Boy Painter was the master of the *Skyphos*. The forms and some decorative details indicate that we are in presence of vases made around 350 a.n.e.

Keywords: greek vases – Cerro Furado – *Krater* – *Skyphos* – Telos Painter Group – Fat Boy Painter

## 1. O CERRO FURADO: O SÍTIO

O Cerro Furado é um sítio arqueológico de grandes dimensões, que engloba uma área de habitat e a respetiva necrópole, e cuja ocupação data da Idade do Ferro e de um momento tardo-republicano da época romana. Infelizmente, e como foi já por diversas vezes denunciado, o sítio tem vindo a ser, desde há muito, alvo de destruições por parte de caçadores de tesouros, que vandalizaram boa parte dos espaços do povoado e do cemitério associado. Dessas destruições resultam espólios que vão integrando coleções particulares nacionais e estrangeiras.

Desde os anos 70 do século passado, que a estação arqueológica é conhecida como um importante local habitado durante a Idade do Ferro, sendo dele provenientes vasos fenestrados ou «queimadores» (Ribeiro e Ferreira, 1971), bem como cerâmicas decoradas com estampilhas (Arnaud e Gamito, 1974-1977).

Os trabalhos que uma de nós (MCL) levou a efeito na região no final do século XX permitiram uma melhor definição das áreas ocupadas, bem como uma leitura mais nítida dos espaços. Sabe-se assim hoje que o povoado, na margem esquerda do Guadiana, se distribui ao longo de uma linha de cabeços com inúmeros patamares, alguns claramente artificiais, ocupando cerca de 30 ha (Lopes, 2003). A área de ocupação está limitada a norte pelo Barranco dos Castelos e a este pelo Guadiana (*ibidem*). No terreno, são visíveis indícios que permitem deduzir a existência de, pelo menos, uma linha de muralhas, com torreões circulares e ainda fossos, que, pela localização, parecem ser também defensivos (*ibidem*).

A necrópole, que foi quase totalmente destruída pela ação repetida dos caçadores de tesouros, situa-se junto ao caminho de acesso ao povoado, em ambos os lados da estrada, a cerca de 200 m do povoado. Terá uma área de dispersão

de cerca de 3000 m<sup>2</sup> (*ibidem*). À superfície, foram recolhidos vários restos, entre os quais se destacam os dois vasos que agora aqui publicamos.

Outras peças, nomeadamente cerâmicas e metálicas, bem como ossos humanos, foram também recuperadas durante intervenções levadas a efeito por técnicos do antigo IPA (Gonçalves, Costa e Angelucci, 2007). Ainda que dos materiais recolhidos nestes trabalhos nada se saiba de concreto, duas cremações foram já estudadas, ambas em urna (*ibidem*). As duas cremações estavam depositadas em urnas, de perfil geral globular ou ovóide, mas de cerâmica comum. Os artefactos metálicos são maioritariamente inclassificáveis, mas pudemos reconhecer uma fíbula de tipo anular hispânico. O estudo das cremações permitiu saber que cada uma das duas urnas continha um único indivíduo, adulto e de sexo indeterminado (*ibidem*, p. 24 e 25). Trata-se, em ambos casos, de cremações primárias, concretizadas ainda com os tecidos moles, e a altas temperaturas (*ibidem*).

Do ponto de vista administrativo, o sítio pertence à freguesia de Baleizão, concelho de Beja.

## 2. OS VASOS GREGOS DA NECRÓPOLE DO CERRO FURADO

Como já acima se referiu, entre os materiais que as destruições provocadas pelos caçadores de tesouros trouxeram à superfície na área da necrópole do Cerro Furado, estão dois vasos gregos de perfil quase completo. Encontravam-se muito fragmentados, mas foi possível a sua reconstituição quase total. As superfícies estão particularmente degradadas, mas ainda assim verificou-se a existência de vestígios de verniz negro que faziam parte da decoração pintada que ostentavam.

Trata-se de um *krater* de sino e de um *skyphos*, ambos decorados com figuras vermelhas.

Do primeiro, muito fragmentado, existe parte considerável do corpo, onde se identificam um arranque de asa e segmentos de bordo. O pé está ausente. A superfície interna encontra-se integralmente coberta de verniz negro. A externa apresenta decoração de figuras vermelhas, que foi possível reconstituir quase integralmente para a Face A. Ainda que seja perceptível a existência de motivos na Face B, o estado de degradação do verniz não permitiu a sua leitura definitiva.



Fig. 1 – Localização do Cerro Furado no atual território português.



Fig. 2 – A face A do krater de sino do Cerro Furado. Fotografia de João Almeida.

semelhança com os vasos de Alcácer do Sal, estes também do segundo quartel do século IV (375-350 a.n.e.), alguns pintados por pintor pertencente ao Grupo Viena 1025 outros pelo pintor do Tirso Negro (Pereira, 1962; Rouillard, 1975, 1988-1989).

Na Face A, é visível uma cena dionisíaca representada por uma dança de sátiros e ménades. Em posição de destaque, está uma das ménades, vestida de *peplos*, virada para a frente. A posição da cabeça é quase impossível de determinar, mas parece estar inclinada para a esquerda. Esta figura, ainda que constitua a personagem principal da cena, está ligeiramente desviada do centro geométrico. Os dois braços estão levantados, mas não simetricamente. Linhas verticais de verniz negro marcam as pregas do *peplos*, na sua parte inferior, não sendo perceptível a decoração da superior, que, contudo, está limitada por uma linha de pontos.

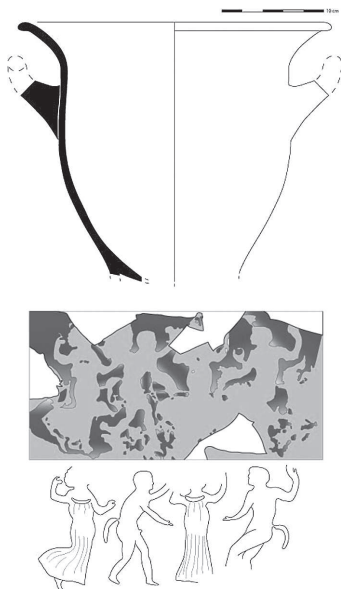


Fig. 3 – A face A do krater de sino do Cerro Furado. Desenho de Carlos Pereira.

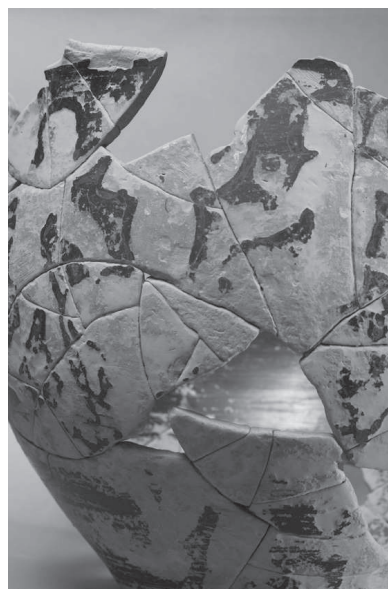


Fig. 4 – A personagem principal da cena dionisíaca (ménade) da Face A do krater do Cerro Furado. Fotografia de João Almeida.

Tem 30,6 cm de diâmetro, sendo a altura impossível de determinar, uma vez que o vaso está fraturado ao nível da ligação do corpo ao pé. Contudo, o perfil geral do corpo indica uma forma alongada, piriforme, longe portanto dos corpos mais baixos e cilindróides dos *krateres* do século V a.n.e. Aproxima-se, do ponto de vista morfológico, da forma 2 de Drougou (*Apud in Sanchez, 2000*), que é típica do século IV a.n.e. Em termos formais, refira-se ainda a grande

semelhança com os vasos de Alcácer do Sal, estes também do segundo quartel do século IV (375-350 a.n.e.), alguns pintados por pintor pertencente ao Grupo Viena 1025 outros pelo pintor do Tirso Negro (Pereira, 1962; Rouillard, 1975, 1988-1989). Na Face A, é visível uma cena dionisíaca representada por uma dança de sátiros e ménades. Em posição de destaque, está uma das ménades, vestida de *peplos*, virada para a frente. A posição da cabeça é quase impossível de determinar, mas parece estar inclinada para a esquerda. Esta figura, ainda que constitua a personagem principal da cena, está ligeiramente desviada do centro geométrico. Os dois braços estão levantados, mas não simetricamente. Linhas verticais de verniz negro marcam as pregas do *peplos*, na sua parte inferior, não sendo perceptível a decoração da superior, que, contudo, está limitada por uma linha de pontos.

Dois jovens sátiros, nus, estão virados para ela.

O da esquerda, de perfil, é itifálico. Ambos os braços estão levantados, o direito horizontalmente, em direção à ménade, o esquerdo para cima. A perna



Fig. 5 – O sátiro da esquerda da Face A do *krater* do Cerro Furado. Fotografia de João Almeida.



Fig. 6 – O sátiro da direita da Face A do *krater* do Cerro Furado. Fotografia de João Almeida.

esquerda avança e a direita, para trás, está ligeiramente fletida. O pé esquerdo assenta e o direito está levantado. A cauda descreve um arco.

O sátiro da direita avança também para a ménade central. Está de perfil. O braço direito está levantado e o esquerdo, também levantado, mas em posição mais descaída, aproxima-se do corpo da dançarina. A perna esquerda está ligeiramente fletida.

À esquerda, uma outra ménade, tem corpo ondulante, o que indica que dançava. A posição é frontal e a face está virada para a esquerda. Um dos pés está levantado, assim como ambos os braços. Veste também um *peplos*, com linhas verticais a definirem as pregas do mesmo, e a decoração na área do torso está marcada por linha descontínua.

A cena está rematada por uma banda pintada com motivos difíceis de descortinar. O que existe permite contudo pensar que se trata não das tradicionais e típicas gregas, mas da chamada «onda encrespada».

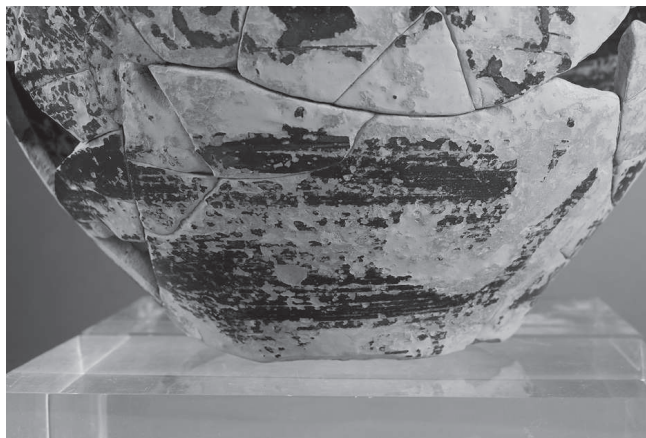


Fig. 7 – A banda que remata a cena dionisiaca da Face A do *Krater* do Cerro Furado, sendo visível a «onda encrespada». Fotografia de João Almeida.

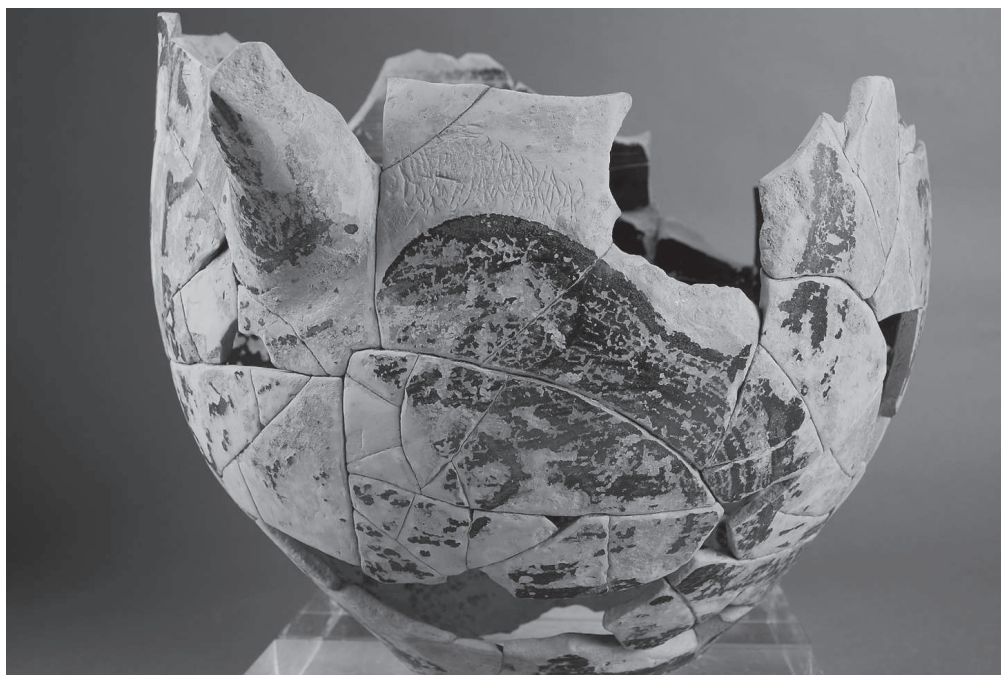


Fig. 8 – A mancha circular sob a asa do krater do Cerro Furado. Fotografia de João Almeida.



Fig. 9 – Pontos pintados sobre a área em reserva em torno da asa. Fotografia de João Almeida.



Fig. 10 – A Face B do Krater do Cerro Furado. Fotografia de João Almeida.

Não é visível qualquer tipo de decoração sob as asas, mas apenas uma mancha circular de verniz.

Apenas um arranque de asa se conservou, tendo sido através deste que foi possível perceber que na área reservada em torno das asas foram pintados pequenos pontos.

Como já se referiu, a leitura da decoração da Face B está muito dificultada pelo estado degradado em que o verniz se encontra. Ainda assim, três manchas em reserva, limitadas por áreas revestidas de verniz negro, parecem indicar a existência de três personagens envoltas nos seus mantos.

Este *krater* do Cerro Furado pertence, indubitavelmente, ao século IV, mais exatamente a um intervalo de tempo balizado entre 375 e 350 a.n.e. É o que nos indica a forma geral alongada, de perfil piriforme, mas também a decoração, quer no que diz respeito à qualidade técnica da mesma, quer no que se refere à cena representada, quer ainda tomando em consideração certos detalhes. Estes últimos, concretamente a ausência da palmeta sob as asas, substituída pela mancha circular de verniz negro, os pontos que circundam a asa no ponto do seu arranque e a utilização da «onda encrespada» no remate da área decorada, indiciam uma cronologia relativamente avançada dentro destas mesmas balizas, parecendo que os meados do século IV a.n.e. constituem uma possibilidade mais realista para o fabrico deste vaso, como ficou evidenciado pelos achados do naufrágio del Sec (Arribas *et al.*, 1987). Não podemos, no entanto, deixar de notar que as dimensões do *krater* alentejano, com 30,6 cm de diâmetro, são um pouco maiores do que as que foram registadas para os mais tardios, como é o caso dos encontrados no barco naufragado em Maiorca (*ibidem*), cujos diâmetros de bordo rondam os 26 cm, mas não se diferenciam, substancialmente, dos de Alcácer do Sal.

Não restam também muitas dúvidas sobre o facto de se tratar de uma obra do Grupo do Pintor de Telos (Beazley, 1974), havendo, uma vez mais, alguns pormenores que possibilitam ir um pouco mais longe na classificação. Com efeito, os mesmos detalhes que permitem apontar uma data em torno a 350 a.n.e. para o *krater* (ausência de motivos sob a asa, pontos em torno do arranque da mesma) podem esgrimir-se no sentido de se defender que o vaso foi pintado pelo Pintor do Tirso Negro. Por outro lado, esta atribuição é também sustentada pela simplicidade da composição e, naturalmente, pelo tema representado.

Parece importante recordar neste contexto que os *krateres* decorados pelo pintor do Tirso Negro, onde as cenas dionisíacas dominam com 78 % (Sánchez, 2000), são os mais bem representados na Península Ibérica (Trías, 1967; Rouillard, 1975, p. 88-99; 1991), estando documentados em Portugal, concretamente em Alcácer do Sal (Pereira, 1962; Rouillard *et al.*, 1988-1989).

O *skyphos* está praticamente completo, à exceção das asas. Possui de altura 11,2 cm, de diâmetro de bordo 12,7 cm e de diâmetro do pé 6,2 cm. As características formais, bordo acentuadamente exvertido, base reduzida e perfil marcadamente convexo-côncavo, indicam uma produção tardia, do segundo quartel do século IV a. C.

A superfície interna estaria coberta de verniz negro, de que existem vestígios. Na externa, há também restos de verniz, que comporiam uma decoração com a técnica das figuras vermelhas. A superfície de apoio do pé e o fundo externo estão reserva.

Como houve já oportunidade de comentar, a quase completa ausência de verniz impede qualquer leitura da decoração e dos seus motivos. Contudo, algumas



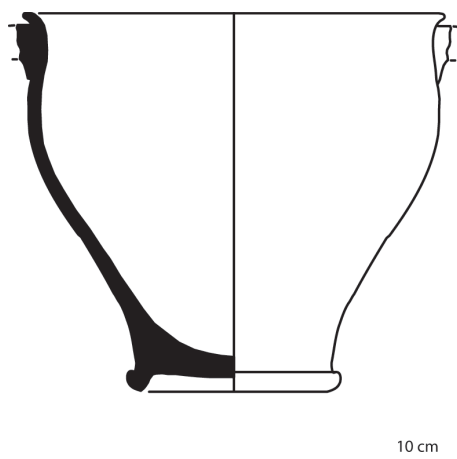


Fig. 11 – O skyphos do Cerro Furado.



Fig. 12 – A Face B do Cerro Furado. Fotografia de João Almeida.

linhas de verniz negro, horizontais e verticais, sobretudo uma à direita, permitem que se admita a possibilidade de estarem representadas as duas personagens que caracterizam o Grupo do Pintor do *Fat Boy* (Beazley, 1974). Esta possibilidade assenta também nas próprias características morfológicas do vaso. De facto, é este o tipo formal de *Skyphos* que os pintores deste grupo pintaram.

Os *skyphoi* de figuras vermelhas pintados pelos artistas do Grupo do Pintor do *Fat Boy* encontram-se distribuídos por uma vasta área, desde o Mar Negro, concretamente em Apollonia Pontica, até ao Extremo Ocidente da Península Ibérica, onde se pode nomear Alcácer do Sal (Pereira, 1962; Trías Arribas, 1967-1968; Rouillard, *et al.*, 1988-1989), ainda que a maior das colecções se registe na necrópole de Sipna, na costa adriática da Península Itálica (Massei, 1978; Sabbatini, 2000).

Estão muito bem documentados na Península Ibérica. Para além dos de Alcácer do Sal, já mencionados, refira-se, a título de exemplo, os exemplares de Castellones del Ceal, Castulo, Cabecito del Tesoro de Verdolay, Cabezo del Tio Pio, Cigarralejo, La Bastida e Ullastret (Trías Arribas, 1967-1968).

Não temos dados para avaliar a função exacta destes dois vasos no contexto da necrópole do Cerro Furado. Se para o *skyphos* deve admitir-se que fez parte do conjunto de oferendas de uma qualquer sepultura, para o *Krater* a mesma funcionalidade pode defender-se, ainda que a sua utilização como urna funerária deva também ser equacionada. Como se discutirá *infra*, ambos usos estão atestados nas necrópoles andaluzas e, aparentemente, também em Alcácer do Sal.

Desconhecemos também se as peças estariam associadas na mesma sepultura, ou se pelo contrário correspondem a duas. As hipóteses que se colocariam se dispuséssemos desta informação seriam, evidentemente, diversas para as duas situações.

### 3. OS VASOS GREGOS DO CERRO FURADO: CONTEXTO, FORMA E FUNÇÃO.

Em nosso entender, os dois vasos gregos da necrópole do Baleizão representam bem mais do que o acrescentar de um novo ponto ao mapa de dispersão da cerâmica grega do século IV a.n.e. no actual território português. Assim, se é verdade que estas peças ajudam a definir melhor a geografia da distribuição deste tipo de produtos, permitem também que se discuta essa mesma geografia, bem como a de determinadas práticas rituais da chamada 2.<sup>a</sup> Idade do Ferro.

A presença significativa de cerâmica grega no interior sul alentejano já foi por diversas vezes destacada (Arruda, 1997; 2005; 2007). Tratava-se, até agora, de vasos oriundos de contextos de *habitat* ou religiosos, o que, muito provavelmente, explica as formas presentes, maioritariamente *kilikies* e pratos, e o seu estado de conservação, reduzidos a fragmentos, no primeiro caso, mais completos, no segundo. Os números, quase sempre escassos, refletirão o tipo de trabalhos efetuados, pouco extensos na sua grande maioria, e o domínio, quase absoluto, de vasos de verniz negro é também de realçar, devendo entender-se como o reflexo do cenário urbano em que se utilizaram.

No caso presente, as formas, a decoração com figuras vermelhas e o facto de se tratar de peças praticamente completas refletem a sua origem – uma necrópole. Se a última observação parece uma evidência, a primeira pode sugerir uma estranha realidade, uma vez que se trata de morfologias típicas de actividades quotidianas, mais exatamente o *symposium*. Com efeito, o *krater* e o *skyphos* são vasos que se relacionam com o consumo do vinho, e que jamais foram usados por gregos em contexto funerário. Contudo, sabemos que a utilização do primeiro enquanto urna cinerária foi uma prática comum em todo o sul da Península Ibérica e muito especialmente na Andaluzia (Olmos Romera, 1982; Rouillard, 1986; 1991). A sua deposição como oferenda também é usual, justamente nas mesmas necrópoles (*ibidem*).

Em Portugal, é bem conhecido o caso da necrópole do Senhor dos Mártires em Alcácer do Sal (Correia, 1925; 1928), onde pelo menos alguns dos *krateres* provenientes das escavações da década de 20 do século passado continham «ossos calcinados» (*ibidem*). Outros, porém, terão feito parte do «pacote» dos artefactos depositados junto às cinzas dos incinerados, estas últimas embaladas em outro tipo de contentores.

Como já antes fizemos referência, não temos dados que permitam saber se os vasos gregos do Cerro Furado pertenceram a uma única sepultura, ou se, pelo contrário, se distribuíam por dois enterramentos distintos.

A associação *krateres* (pintados pelo grupo do Pintor de Telos) e *Skyphoi* do *Fat Boy Group* é também recorrente em quase todas as necrópoles da área meridional peninsular, quer na mesma sepultura, quer isoladamente (Trías Arribas, 1967; Rouillard, 1986, 1991).

As duas importações áticas da necrópole do Cerro Furado inscrevem-se num movimento comercial bem conhecido durante a primeira metade do século IV a.n.e. e que atingiu o Extremo Ocidente. Recorde-se que um pouco mais de duas centenas e meia de sítios arqueológicos peninsulares forneceram vasos gregos desta cronologia (Trías Arribas, 1967; Rouillard, 1991), entre os quais se contam 40 no actual território português (Arruda, 1997; 2007). Destes, a grande maioria localiza-se a sul do Tejo e também a restante cultura material indica uma forte conexão com a área turdetana (Arruda, 2005).

#### 4. O CONTEXTO REGIONAL: ENTRE O RIO E O MAR

O Cerro Furado localiza-se numa região onde há um considerável número de sítios onde se recolheu cerâmica grega, como é por exemplo o caso da cidade de Beja (Arruda, 1997; 2007, Lopes, 2003; Grilo, 2006) e, na margem esquerda do Guadiana, Serpa (Arruda, 2007), Castelo de Moura (Arruda, 1997) e Castro da Azougada (Rouillard, 1975; 1991), por exemplo. Esta concentração no Baixo Alentejo foi muitas vezes explicada no quadro de uma rota por via marítima e fluvial (Arruda, 1997), até porque o encerramento do estreito de Gibraltar ao comércio grego, na sequência do tratado romano-cartaginês de 509, não pode ser sustentado à luz de uma multiplicidade de dados que não se esgotam na cerâmica grega. Contudo, e para o actual território português, a hipótese de um abastecimento do interior alentejano de produtos áticos através de um percurso sul/norte pela via do Guadiana, constituindo-se Castro Marim como centro redistribuidor destes produtos, foi construída num momento em que estes eram ainda consideravelmente escassos. Hoje o número de sítios aumentou e sobretudo o número de fragmentos cresceu exponencialmente.

Assim, e como já em trabalho anterior uma de nós defendeu (Arruda, 2008), a famosa «Rota dos Santuários» de Maluquer de Motes (1981) pode ter estado ativa, explicando a presença das cerâmicas áticas dos séculos V e IV no interior em geral e no Cerro Furado em particular, através de um percurso que, tendo início na região valenciana, atravessava o mundo ibérico pelos rios Jucar e pelo Alto Guadiana, ou, alternativamente, começava na região alicantina, penetrando pelo Segura e alcançando o Alto Guadalquivir pelo Guadilamar (Arruda, 2008).

#### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM MUNDO EM MUDANÇA ENTRE VIVOS E MORTOS

A descoberta dos vasos gregos da necrópole do Cerro Furado permite discutir algumas outras questões que se relacionam ainda com o seu âmbito de recolha, bem como com a localização do sítio. Mesmo que, e como já atrás referimos, o

contexto primário dos vasos se tenha perdido, o facto de se tratar de uma necrópole e a cronologia intrínseca das peças aqui estudadas são dados que devem ser devidamente valorizados nesta análise.

Em primeiro lugar, convém lembrar que os cemitérios sidéricos conhecidos no Alentejo interior, quer no central quer no baixo, possuem balizas cronológicas que os distanciam do que existiu no Cerro Furado. De facto, às necrópoles da área de Ourique (Beirão, 1986; Correia, 1993; Arruda, 2001), por um lado, e às da Têra (Rocha *et al.*, 2003) e de Torre de Palma (Langley *et al.*, 2008), por outro, têm sido atribuídas datações em torno aos séculos VI e V a.n.e.. Independentemente das diferenças registadas na arquitetura funerária das duas regiões referidas, a verdade é que a prática da incineração é comum a ambas, ainda que a incineração em *ustrinum*, com a posterior deposição das cinzas em urna, seja sobretudo registada na segunda área geográfica. Assim, o ritual funerário do Cerro Furado, onde a última prática está claramente documentada (Gonçalves *et al.*, 2007), bem como, aliás, em quase todo o sudoeste peninsular, pelo menos entre o século VII e o III a.n.e., tem fortes raízes na região. Contudo, qualquer das áreas e dos próprios sítios acima referenciados, a que se poderiam juntar os que se conhecem na margem esquerda do Guadiana, como Medellín (Almagro Gorbea, *et al.* 2006; 2008; 2009) ou Azougada (Antunes, 2009) integram-se, culturalmente, num universo que tem vindo a ser designado de pós-orientalizante, que marca o final de uma etapa que não parece ter continuidade, e que, refira-se, não tem paralelo no litoral. Estas necrópoles, bem como os povoados a elas diretamente associados, ou ainda outros sem cemitérios identificados, são abandonados, aparentemente de forma abrupta, nos finais do século V.

Os motivos deste brusco abandono, que afetou também grande parte da Extremadura espanhola, não são ainda pacíficos. Com efeito, a chamada crise de 400, no atual território espanhol plasmada, por exemplo, no incêndio do santuário de Cancho Roano, tem sido aí, maioritariamente, explicada no quadro de conflitos internos, descartando-se, quase sempre, a hipótese de essa «crise» ter sido provocada por chegadas de contingentes populacionais étnica e culturalmente diferenciáveis das comunidades associadas ao pós-orientalizante. No entanto, refira-se que Jorge de Alarcão insistiu, há já uma década, que esta última hipótese não pode ser liminarmente afastada, até porque a referida crise parece coincidir com a instalação, referida por Plínio (3.13), de *Celtici* na *Baeturia* (Alarcão, 2001, p. 332).

A verdade é que, em grande parte da região interior do Sudoeste peninsular, os grandes povoados de altura com evidentes condições naturais de defesa, muitas vezes rodeados de potentes estruturas defensivas, desenvolvem-se a partir de finais do século V a.n.e., neles predominando uma matriz cultural que integra, maioritariamente, elementos de raiz continental, nomeadamente a cerâmica

decorada com grandes estampilhas e os próprios vasos fenestrados. E este parece ser justamente o caso do Cerro Furado. Contudo, o registo da necrópole, ainda que profundamente truncado, parece dar informações de sentido diverso, uma vez que a presença dos vasos gregos, concretamente das formas, dos tipos decorativos e dos pintores representados, aproximam esta necrópole das da área litoral, concretamente do mundo turdetano e também de Alcácer do Sal, onde a continentalidade é, efetivamente, inexistente.

Por outro lado, em Beja, a realidade material é muito próxima desse universo mediterrâneo, como demonstram os resultados dos trabalhos arqueológicos levados a efeito no Castelo, no logradouro do Conservatório e na rua de Sembrano, onde os contextos datáveis entre o século IV e II a. C., evidenciaram não só uma total ausência de cerâmica estampilhada (que foi apenas reconhecida em níveis republicanos), mas, sobretudo, cerâmica pintada em bandas, nomeadamente pequenas taças com banda vermelha pintada na parede interna imediatamente abaixo do bordo, com bons paralelos, por exemplo, em Castro Marim.

Também em Mértola (Rego *et al.*, 1996), tal como em Serpa, concretamente no Castelo Velho de Safara (Costa, 2010), a matriz cultural dos espólios sidéricos é próxima da do litoral durante toda a Idade do Ferro.

Apesar das destruições, tudo indica que trabalhos arqueológicos no Cerro Furado poderiam esclarecer, pelo menos em parte, algumas das interrogações que atrás expusemos. Mas, limitamo-nos aqui a exigir que se divulguem junto da comunidade científica os espólios que foram resgatados no sítio em duas ocasiões distintas por técnicos do antigo Instituto Português de Arqueologia, à revelia do arqueólogo que sobre a área, e o sítio em si, tinha, à época, um projeto de investigação em curso, aprovado pela mesma instituição, por sinal uma das signatárias (C. L.).

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (2001) – Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4: 2, p. 293-349.
- ALMAGRO GORBEA, M., dir. (2006) – *La necrópolis de Medellín, I. La excavación y sus hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- ALMAGRO GORBEA, M., dir. (2008) – *La necrópolis de Medellín, II. Estudio de los hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- ALMAGRO GORBEA, M., dir. (2009) – *La necrópolis de Medellín, IV. Interpretación de la necrópolis, V. El marco histórico de Medellín-Conisturgis*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- ANTUNES, A. S. (2009) – *Um conjunto cerâmico da Azougada. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. (Suplementos a "O Arqueólogo Português"; 5).
- ARNAUD, J.; GAMITO, T. (1974-1977) – Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal. I – Cabeça de Vaiamonte-Monforte. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3, 7-9, p. 165-202.
- ARRIBAS, A.; TRÍAS, G.; CERDÁ, D.; HOZ, J. (1987) – *El barco de el Sec (Costa de Calvia, Mallorca)*. Maiorca: Ayuntamiento de Calvia.
- ARRUDA, A. M. (1997) – *A cerâmica ática do Castelo de Castro Marim*. Lisboa: Colibri.
- ARRUDA, A. M. (2001) – Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4: 2, p. 207-291.
- ARRUDA, A. M. (2005) – O 1º milénio a.n.e. no Centro e Sul do território português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 23, p. 9-156.
- ARRUDA, A. M. (2007) – Cerâmicas gregas encontradas em Portugal. In *Vasos Gregos em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 135-140.
- ARRUDA, A. M. (2008) – O Baixo Guadiana durante os séculos VI e V a. n. e. In JIMÉNEZ ÁVILA, J, ed. – *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante*. Madrid: CSIC. p. 307-325. (*Anejos de AEspA*; XLVII).
- BEAZLEY, J. (1974) – *Attic red-figure vase painters*. 2ª ed.. New York: Hacker Art Books.
- BEIRÃO, C. M. (1986) – *Une civilisation Protohistorique du Sud du Portugal – 1er Age du Fer*. Paris: Diffusion de Boccard.
- CORREIA, V. (1925) – Uma conferência sobre a necrópole de Alcácer do Sal. *Biblos*. Coimbra. 1: 7, p. 347-363.
- CORREIA, V. H. (1993) – As necrópoles da Idade do Ferro do sul de Portugal. *Arquitectura e rituais*. TAE. Porto. 33: 3-4, p. 351-370. Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular.
- COSTA, T. (2010) – *O Castelo Velho de Safara, Moura: elementos para o seu estudo*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.
- GONÇALVES, D.; COSTA, A.M.; ANGELUCCI, D. (2007) – *Cremações da Necrópole do Cerro Furado (Baleizão/Beja)*. Lisboa: IPA. (Trabalhos do CIPA; 29, n.º 109).
- GRILO, C. (2006) – *A Rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado. Policopiado.
- LANGLEY, M.; MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R. (2008) – A necrópole sidérica de Torre de Palma (Monforte, Portugal). In JIMÉNEZ ÁVILA, J., ed. – *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante*. Madrid: CSIC. p. 284-303. (*Anejos de AEspA*; XLVII).
- LOPES, M. C. (2003) – *A cidade romana de Beja. Percursos e debates sobre a «civitas» de Pax Iulia*. Coimbra: Centro de Arqueologia das Universidades de Lisboa e Porto.
- MASSEI, L. (1978) – *Gli askoi a figure rosse nei corredi funerari delle necropoli di Spina*. Milano: Edizioni Cisalpino-Goliardica.
- MALUQUER DE MOTES, J. (1981) – *El santuario protohistorico de Zalamea de la Serena*. Barcelona: CSIC.
- OLMOS ROMERO, R. (1982) – Vaso griego y caja funerária en la Bastetania Ibérica. In *Homenaje a*

- C. Fernández Chicarro. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia. p. 260-268.
- PEREIRA, M. H. R. (1962) – *Greek vases in Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- RIBEIRO, E. C; FERREIRA, O. V. (1971) – Acerca dos vasos com janelas triangulares do Castro do Cerro Furado (Gadiana). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81: 3-4, p. 255-259.
- ROCHA, L; DUARTE, C; PINHEIRO, V. (2005) – A necrópole da 1ª Idade do Ferro do Monte da Têra, Pavia (Portugal): dados das últimas intervenções. In *Actas do III Simpósio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: CSIC; Junta de Extremadura; Consorcio de Mérida. Vol. 1, p. 605-614.
- ROUILLARD, P. (1975) – Les coupes attiques à Figures Rouges du IV s. en Andalousie. *Melanges de la Casa de Velazquez*. Paris. 11, p. 21-49.
- ROUILLARD, P. (1991) – *Les grecs et la Péninsule Ibérique du VIII au IV siècle avant Jésus-Christ*. Paris: Diffusion de Boccard.
- ROUILLARD, P.; PAIXÃO, A.; VILLANUEVA-PUIG, M. C.; DURAND, J. L. (1988-1989) – Les vases grecs d'Alcácer do Sal (Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 6-7, p. 43-108.
- SABATTINI, B. (2000) – Les skyphos du F. B. Group à Spina: apport chronologique de l'étude stylistique et typologique. In *La céramique attique du IV siècle en Méditerranée occidentale*. Nápoles: Centre Jean Bérard. p. 47-65
- SÁNCHEZ, C. (2000) – Los pintores del Grupo de Telos. In *La céramique attique du IV siècle en Méditerranée occidentale*. Nápoles: Centre Jean Bérard. p. 35-46.
- TRÍAS ARRIBAS, G. (1967-1968) – *Ceramicas griegas de la Peninsula Iberica*. Valencia: William L. Bryant Foundation.